Release

Linha fina

O consagrado filósofo Friedrich Nietzsche discute a enfermidade contemporânea: a prática científica que leva à desumanidade da divisão do trabalho.

# Título

# Autor

Friedrich Nietzsche

# Nacionalidade

Alemã

# Coedição

# Título original

# Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben

# Copyright

André Itaparica (trad.)

# Categoria

Filosofia alemã

# Escola

# Palavras-chave

filosofia alemã, Nietzsche

Categorias BISAC

PHI019000 - Filosofia

PHI008000 - Filosofia / Ética e Moral

LCO010000 - Ciências Sociais / Filosofia Social

Categorias THEMA

QD - Filosofia

HPK - Filosofia Ética e Moral

JHBC - Filosofia Social e Política

Coleção

Hedra Edições

# Edição

Jorge Sallum e Suzana Salama

# Tradução e introdução

André Luis Mota Itaparica é doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É autor de *Nietzsche: Estilo e moral* (Discurso/Unijuí, 2001), *Verdade e linguagem em Nietzsche* (Edufba, 2014), numerosos artigos e contribuições a obras sobre Nietzsche, Crítica da Moral, Idealismo, Realismo, Natureza, Cultura etc.

# Capa

Lucas Kröeff

# Data lançamento

Previsão: 22/2/2024

# Sobre o livro

*Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, a segunda das quatro considerações extemporâneas, foi definida por Nietzsche, em sua autobiografia *Ecce Homo*, como sendo o tratado que “traz à luz o que há de perigoso, corrosivo e envenenador da vida na nossa forma de prática científica: a vida *doente* dessa engrenagem e mecanismo desumanos, da ‘impessoalidade’ do trabalhador, da falsa economia da ‘divisão do trabalho’”. Nessa obra, “o ‘sentido histórico’, do qual nosso século se orgulha, foi pela primeira vez reconhecido como doença, como signo típico da decadência*”.*

# Sobre o autor

Friedrich Nietzsche (Röcken, 1844–Weimar, 1900), filósofo e filólogo alemão, foi crítico mordaz da cultura ocidental e um dos pensadores mais influentes da modernidade. Descendente de pastores protestantes, optou, no entanto, pela carreira acadêmica. Aos 25 anos, tornou-se professor de letras clássicas na Universidade da Basileia, onde se aproximou do compositor Richard Wagner. Serviu como enfermeiro voluntário na guerra franco-prussiana, mas contraiu difteria, que lhe comprometeu a saúde definitivamente. Retornou à Basileia e passou a frequentar mais a casa de Wagner. Em 1879, devido a constantes recaídas, deixou a universidade e passou a receber uma renda anual. A partir daí assumiu uma vida errante, dedicando-se exclusivamente à reflexão e à redação de suas obras, dentre as quais se destacam: *O nascimento da tragédia* (1872), *Considerações Extemporâneas* (1873–1874), *Assim falava Zaratustra* (1883–1885), *Para além do bem e mal* (1886), *A genealogia da moral* (1887) e *O anticristo* (1895). Em 1889, apresentou os primeiros sintomas de problemas mentais, provavelmente decorrentes de sífilis. Faleceu em 1900.

# Trechos do livro

## Trecho 1: a miséria dos homens frente aos animais

Observe o rebanho a pastar: ele nada sabe do que é o ontem e o hoje; saltita aqui e acolá, come, descansa, digere, novamente saltita, noite e dia, dia após dia. Em resumo, preso ao seu prazer e desprazer, estancado no instante, não se entristece nem se enfastia. Ver isso é difícil para o homem, que se vangloria de sua humanidade perante o animal, mas contempla enciumado a sorte deste — pois o homem apenas quer, como o animal, viver sem fastio e sem dor; mas o quer em vão, por não querer como aquele. O homem pergunta ao animal: “por que nada me diz de sua sorte e apenas me fita?” O animal quer responder e dizer: “acontece que eu sempre esqueço o que quero dizer” — mas já esquece essa resposta e silencia, e o homem se espanta.

## Trecho 2: a ciência domina a vida humana

Aliás, hoje é vangloriado o fato de que “a ciência começa a dominar a vida”: é possível que se chegue a isso, mas a vida assim dominada não tem muito valor, pois é menos vida e garante menos vida para o futuro do que outrora, quando se dominava a vida não pelo saber, mas por instintos e fortes alucinações. Mas esta não deve ser, como dissemos, uma época de personalidades harmoniosas, perfeitas e maduras, mas a do trabalho mais ordinário e mais útil possível. Isso significa que os homens devem direcionar-se aos propósitos da época para trabalhar o mais cedo possível. Eles devem trabalhar na fábrica das utilidades universais antes de se tornar maduros — porque seria um luxo dispensar do “mercado de trabalho” uma grande quantidade de força. Cegam-se alguns pássaros para que eles cantem melhor; não acredito que os homens de hoje cantem melhor do que os de outrora, mas sei que se cegam na atualidade. Mas o instrumento, o terrível instrumento que utilizam para cegar é uma luz por demais rútila, súbita e cambiante.

## Trecho 3: a educação distante da experiência

Sobretudo destruindo uma superstição, a crença na necessidade daquela forma de educação. Porém, pensa-se que não haveria outra possibilidade senão a da nossa tão lamentável realidade. Basta alguém examinar a literatura das últimas décadas produzida por nossas escolas e estabelecimentos de ensino superiores: ele verificará, para seu espanto e desgosto, como o objetivo geral do ensino é pensado uniformemente, em toda mudança de sugestões, em toda sofreguidão de contradições; como temerosamente se admite o resultado atual, o “homem culto”, como hoje é entendido, como o fundamento necessário e racional de um ensino ulterior. Mas aquele cânone monótono soaria assim: o jovem deve começar com um saber acerca da cultura, não com um saber acerca da vida e muito menos com um saber acerca da própria vida e vivência. Ainda mais, esse saber acerca da cultura, como saber histórico, é misturado e administrado ao jovem; isto é, sua cabeça é entupida com um número descomunal de conceitos extraídos, no máximo, do conhecimento indireto de épocas e povos pretéritos, não da observação direta da vida. Seu anseio é entorpecido e igualmente inebriado pelo grande teatro de que seria possível sumarizar em si as mais altas e mais marcantes experiências das épocas antigas, justamente as maiores épocas. É o mesmo método absurdo que conduz nossos jovens artistas plásticos a museus e galerias, e não ao ateliê de um mestre e, sobre tudo, ao ateliê da mestra única, a natureza. Como se se pudesse prever, como um passeante fugidio, na história das coisas passadas, seus pendores e artes, seu produto vital! Como se a própria vida não fosse um ofício, que se aprende profunda e firmemente, e que se exerce com labor, quando não impede que incompeten- tes e falastrões saiam do ovo!

# Imprensa